

Atração Fatal: Um estudo do fascínio pela dualidade feminina no caso Richthofen¹Carolina Telles MIRANDA²João Freire FILHO³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente trabalho é uma reflexão sobre o sentimento de fascínio e como sua manutenção nas esferas sociais, especialmente em relação a mulheres e crimes. Este artigo visa compreender, através da metodologia qualitativa, a divisão da personalidade feminina em uma dualidade: a mulher frágil e a mulher fatal. Para demonstrar como esse conceito se manifesta na prática, os objetos centrais serão as narrativas midiáticas sobre Suzane Von Richthofen. O conteúdo será trabalhado com base nos conceitos da bibliografia “*Literature and Fascination*” (2015), de Sibylle Baumbach.

PALAVRAS-CHAVE: fascínio; Suzane Von Richthofen; mulher e crime; mulher fatal; mídia.

INTRODUÇÃO

Na madrugada de 31 de outubro de 2002, Suzane Von Richthofen, Daniel e Cristian Cravinhos, na época com 19, 21 e 27 anos, respectivamente, colocaram em prática o plano que haviam idealizado ao longo dos últimos meses: simular um latrocínio na casa da família Richthofen, com os patriarcas da família sendo as vítimas fatais. O engenheiro Manfred e a psiquiatra Marísia Von Richthofen, pais de Suzane, foram assassinados com inúmeros golpes na cabeça.

Esta é uma história que todo mundo já conhece. O caso perturbador dominou telejornais e impressos desde o dia de sua ocorrência até o fim do julgamento. Ainda nos dias de hoje, 20 anos após o caso, não é incomum vê-lo mencionado em telejornais e redes sociais. A história acabou se tornando um grande *blockbuster*, com reviravoltas e mocinhos que se transformam em vilões.

Nesta história, a personagem principal é Suzane, a assassina confessa, cujo filme-vida ganhou nuances nunca antes vistas entre os criminosos brasileiros. No ano em que celebrou a efeméride de duas décadas, o caso gabaritou todos a lista de

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Graduada do curso de Jornalismo da ECO/UFRJ, email: imcaroltelles@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da ECO/UFRJ, email: joaofreirefilho@gmail.com.

conteúdos midiáticos possíveis ao ganhar um filme ficcional baseado em fatos reais. Por que isso aconteceu? Qual o efeito que esse caso em específico exerce sobre o público?

Ao longo do presente trabalho, será estudado o porquê de este caso permanecer imortalizado na mídia e no imaginário brasileiro sob a ótica do fascínio, com base na teoria de Sibylle Baumbach em seu livro “*Literature and Fascination*” (2015). A autora caracteriza o sentimento como algo sedutor, capaz de capturar os sentidos e direcionar a atenção dos leitores ou espectadores para pessoas ou objetos, que respondem em um estado liminar de desejo e medo.

DESCOBERTAS IMPORTANTES

A atração provocada pelo fascínio é algo que beira a magia, devido ao tamanho alcance magnético. A relação do termo com o mal está expressa desde sua origem etimológica: a palavra “fascínio” tem origem do latim *fascinum*⁴, associado aos termos “encantar”, “enfeitiçar” e “feitiço maligno” (*witchcraft*, em inglês). Fascínio, no dicionário português, tem como sinônimo “sentimento ou sensação de profundo encanto”⁵.

Fica estabelecido, então, que o mau e o cruel repelem a população na mesma proporção em que a instiga e causa interesse – um fenômeno global que elevou inúmeros assassinos ao posto de celebridades. O que difere Suzane entre os muitos outros criminosos excêntricos do país (goleiro Bruno, Pedrinho Matador, Maníaco do Parque) é o fato de ser mulher. Apesar de outras mulheres também terem cometido crimes bárbaros – e se tornarem célebres por conta do feito –, ela foi a primeira neste século a fazê-lo neste século, o que provocou uma grande curiosidade no público em geral.

Neste artigo, o mecanismo do fascínio no caso Richthofen será investigado em um principal nicho: o de gênero, marcado principalmente pelo interesse na dualidade feminina. Compreender a construção desta estrutura é uma forma de descobrir os ideais que possibilitam a manutenção da misoginia e suas ramificações dentro da sociedade brasileira.

⁴ Disponível em: Definify <https://www.definify.com/word/fascinum> Acesso em 13/10/2022

⁵ Disponível em: Dicionário de Português Online

<https://www.dicio.com.br/fascinia/#:~:text=Significado%20de%20fasc%C3%ADnio&text=Sentimento%20ou%20sensa%C3%A7%C3%A3o%20de%20profundo,Do%20latim%20fascinum> Acesso em 13/10/2022

Para assimilar este conceito, faz-se necessário estudar as diferentes formas do ser feminino ao longo dos séculos. Mulheres sempre foram limitadas entre a antítese de “mulher fatal” e “mulher frágil” – um estigma que marca a soberania do patriarcado. Apesar de ter ganho força no século XIX, o relato mais antigo dessa dualidade do qual se tem ciência está na Bíblia: enquanto Eva era sinônimo do pecado e da fraqueza da carne, Maria carregava os princípios de maternidade e pureza.

Com o apoio de bibliografias feministas, é estudada a construção desse estereótipo ao passar dos séculos, principalmente através da literatura e das obras de arte: por longos períodos, a imagem da *femme fragile* era associada a ideais de debilidade, ausência de força e vigor físico e, em um estágio mais avançado, à morte. Essas características deram origem ao “culto da invalidez” (DIJKSTRA, 1989, p. 42). Aquelas que não se encaixavam nesse padrão estariam adquirindo traços masculinos e, assim, tornaram-se ameaças ao homem – iniciando um ciclo vicioso entre medo e interesse, característico das *femme fatale* (BAUMBACH, 2015, p. 116).

O FASCÍNIO E O CASO RICHTHOFEN

Cem anos após a ascensão do culto da mulher inválida, o caso Richthofen trouxe para os dias atuais a representação das duas facetas femininas em uma única personagem. O desenrolar do caso apresentou Suzane como a síntese de todos os estereótipos de mulher fatal previamente vistos na literatura e no cinema; no entanto, houve um apelo jurídico-midiático para vender a parricida, na época entre os seus 20-25 anos, como uma mulher frágil. Ou seja, a narrativa variava de acordo com os interesses do veículo.

Durante as investigações criminais, Suzane assumiu a postura da *femme fatale*: “fria e no controle da situação”, conforme foi definida no Tribunal. Nos dias seguintes ao crime, o comportamento da parricida parecia inalterado pela morte dos pais. Os investigadores fizeram questão de destacar os inúmeros atos frios da assassina após cometer o crime, como sua festa de aniversário, celebrada poucos dias após o ato⁶.

Após ser condenada, Suzana era frequentemente vista utilizando camisas com estampas de personagens de desenhos animados e com penteados infantis – em uma tentativa da defesa de mudar a imagem que a opinião pública possuía de Suzane, para

⁶ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74828-6008,00.html> Acesso em 06/08/2022

que ela fosse vista como doce, imatura e inconsequente sobre seus atos. Em 9/4/2006, trajando pantufas de coelhinho, uma camisa lilás da Minnie Mouse e com passarinhos nos ombros⁷, Suzane, que estava em liberdade provisória, foi entrevistada pelo Fantástico.

Apesar da insistência de apresentar a persona vítima de Suzane para o público, seu lado culpado era mais verossímil, tendo sido este mais repercutido na mídia. Hoje, é possível aponta-lo como um dos principais pilares para a vitalidade do caso.

A incógnita da dualidade – afinal, quem é Suzane? – é justamente o que as recentes adaptações cinematográficas do caso Richthofen tentam apresentar. Em “O menino que matou meus pais” (2021) e “A menina que matou os pais” (2021), o caso foi adaptado de forma a apresentar dois pontos de vista diferentes. Nas recentes adaptações, disponíveis na plataforma Prime Video, Richthofen é sua própria Eva, e também sua própria *femme fragile*.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

O fato é que, mais de um século depois do ápice do início culto da invalidez e do sofrimento feminino, a desgraça da mulher ainda possui um forte apelo midiático. Isso ocorre pois ainda há um estereótipo de que a mulher, por sua própria constituição física e pelo papel que lhe é atribuído na sociedade, de filha, esposa e mãe, está ligada à função de cuidadora e a comportamentos moderados⁸; seu sofrimento, então, é inevitável. O fascínio por este tópico permanece intocável.

Ainda hoje, o Brasil ainda permanece com os mesmos paradigmas fortalecidos no fim do século XIX: com a figura feminina separada apenas por uma dicotomia rasa. A exaltação da desgraça feminina, uma ferramenta utilizada para causar fascínio e interesse público, é uma consequência da manutenção dos comportamentos misóginos datam desde os tempos bíblicos. A tragédia é uma forma de expor as perspectivas morais da sociedade sobre corpos femininos que mostra, principalmente, o que pode ocorrer caso não haja um forte controle legal e social sobre a mulher⁹.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Mj4qVm5teU&t=69s> Acesso em 13/06/2022

⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42001512> Acesso em 21/08/2022

⁹ Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/entre-pandora-e-eva-a-misoginia-ainda-vigente> Acesso em 31/08/2022.

Nos casos de crimes reais brasileiros, tanto quando a mulher é a vítima, quanto quando é a ré, a cobertura midiática se demonstra invasiva e muitas vezes exerce um papel definitivo na condução dos casos e na formação da opinião pública, como por exemplo, na monstrificação das personagens e, conforme foi destacado ao longo do capítulo, no despertar do fascínio.

REFERÊNCIAS

- BAUMBACH, Sibylle. **Literature and fascination**. In: Literature and Fascination. Palgrave Macmillan, London, 2015. p. 11-70.
- BRASILIENSE, Danielle. Por que (,) Suzane? 10 anos depois. **PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, p. 28-46, 2013.
- BRASILIENSE, Danielle. **Quando o filho mata o pai**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- CASOY, Ilana. **Casos de família: 01. Arquivos Richthofen, 02. Arquivos Nardoni**. DarkSide, 2016.
- DIJKSTRA, Bram. **Idols of perversity: fantasies of feminine evil in fin-de-siècle culture**. Journal of Aesthetics and Art Criticism, v. 47, n. 1, 1989.
- FOUCAULT, – et al. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- JURKEVICS, Vera Irene. Virgem maria: paradigma da superioridade espiritual feminina. **Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 9**, 2010.
- NOCCIOLI, Carlos Alexandre Molina; PAES, Cristiane Cataldi dos Santos. **A mulher como alvo de tabu: o fascínio da ambiguidade feminina**. 2012.